

# Samora Machel: a revolução é irreversível

*O presidente de Moçambique fala-nos sobre as transformações  
em três sectores fundamentais:*

*a saúde, a educação e a habitação.*

*Assinala que no seu país não houve oportunidade  
para que se criasse uma burguesia nacional,  
cuja remoção do poder viria a ser difícil.*

*A tónica de Samora Machel*

*é a confiança na força infinita do povo moçambicano  
e na vitória final*

*das correntes revolucionárias africanas.*

**O** presidente Samora Machel recebeu-nos na sua residência no Maputo. Uma casa frente ao Oceano Índico que nos tempos do colonialismo português pertencia a altos funcionários da justiça. Encontramo-lo — como lhe é habitual — muito bem disposto a transbordar simpatia e demonstrando ao longo da conversa que encara com responsabilidade e optimismo os problemas que enfrenta Moçambique.

No final do nosso diálogo de quase duas horas aderiu à conversa a senhora Graça Machel, Ministro da Educação.

---

entrevista de Beatriz Bissio

---

A entrevista com o presidente havia sido inicialmente marcada para dois dias antes. Porém, teve que ser adiada em função de um contratempo, que se bem que não possa ser considerado normal, é frequente no quadro das agressões que o governo racista da Rodésia está a desencadear contra Moçambique. Uma zona próxima ao local onde deveríamos encontrar Samora Machel, no interior

do país, estava a ser alvo de um ataque aéreo e terrestre de tropas rodésianas, nos precisos momentos em que se teria realizado a nossa entrevista.

O episódio revela o clima de luta que vive Moçambique, sob a ameaça permanente do inimigo racista. Como em outras oportunidades, aquele ataque foi repellido sem que o terrorismo rodésiano pudesse quebrar a unidade do povo

nem debilitar a sua decisão firme de resistir e lutar.

Havíamos proposto ao presidente que no desenrolar da nossa entrevista fosse incluída uma análise dos problemas da guerra e da confrontação com os regimes racistas da Rodésia e da África do Sul.

No entanto, Samora Machel assinalou que as suas opiniões sobre o tema já haviam sido amplamente divulgadas. Que a solidariedade de Moçambique com os movimentos de libertação africanos está a ser demonstrada no dia-a-dia e está arraigada no coração do povo. Que Moçambique está disposto a pagar um alto preço pela guerra — como a desencadeada disfarçadamente pelo regime de Salisbúria — para ser consequente como este compromisso com os povos irmãos.

Pareceu-lhe, pois, mais oportuno responder às perguntas que lhe havíamos formulado sobre as grandes transformações que estão a ser vividas pelo povo moçambicano desde o 25 de Junho de 1975.

Com a simplicidade e a linguagem didáctica que o caracterizam, o presidente da FRELIMO e da República Popular de Moçambique traçou um quadro sincero, objectivo e gráfico dos problemas que enfrenta o país a dois anos e meio da independência, e explicou como estão a ser superados.

A conversa de Samora Machel mostra-o orgulhoso da sua Pátria e confiante naquilo que chama a "ilimitada capacidade criativa" do seu povo, que o leva a encarar com optimismo o futuro, ainda que não ignore as sequelas do colonialismo — os vestígios, como costuma chamá-los — que ainda se manifestam.

Resumindo, podemos dizer que a certeza da vitória final dos povos africanos sobre os seus opressores é o sinal de maior destaque das convicções expressas pelo presidente Samora.

— Presidente, como tantos outros países africanos, Moçambique pagou o alto preço de uma longa ocupação colonial que, inevitavelmente, deixa sequelas.

Depois de dois anos de governo da FRELIMO como vê a situação actual?

— Quando você me entrevistou em 1975, uns cem dias depois da nossa independência, tudo era entusiasmo. Tudo era FRELIMO: negros, brancos, indianos, todos. Certos negros estavam eufóricos. Alguns chegavam a dizer: "Os portugueses estão a partir e nós vamos ficar com tudo o que era seu, ocupamos o seu lugar".

Em relação à independência havia unanimidade. Todos a queriam. Mas nem todos desejavam a independência que temos hoje. Alguns gostariam que o cordão umbilical com o colonialismo não tivesse sido cortado. O padrasto foi embora: como ficar, então? Estavam habituados a que alguém os "protegesse". Sentiram-se órfãos com a independência real que conquistámos.

— Trata-se de um problema cultural?

— Não. Não é um problema cultural. Essas pessoas não conhecem a cultura portuguesa. Evocam "Os Lusíadas" mas não se perguntam porque os escreveu Luís de Camões. Nem a que factos se referia. O que dizem "Os Lusíadas", ou o

que evoca o hino português ("heróis do mar") é uma verdade histórica do ponto de vista de Portugal. Mas hoje os tempos são outros. Muitos não compreendem que se trata de uma obra sobre o povo português e não sobre nós. Os antepassados dos portugueses de hoje, os navegadores, não são os nossos antepassados.

O mesmo ocorre com aqueles que evocam com nostalgia a música portuguesa: o fado. Não vamos dizer que é uma música feia. Como toda a música feita pelo povo, é bonita. Mas não é a música feita pelo nosso povo. É dos portugueses.

Esta foi a educação do colonialismo: fazer-nos aceitar a sua música, a sua história, o seu passado como nossa música, nossa história, nosso passado. Só agora é que estes nostálgicos do colonialismo estão a descobrir que Gaza, Beira

ou Pemba são cidades de Moçambique, não de Portugal. Que o Limpopo é um rio de Moçambique, não é de Portugal. Agora começam a entender porque somos independentes. Por isso não se pode dizer que seja um problema cultural. É alienação. Mais alienação que cultura.

Se os portugueses nos tivessem realmente deixado uma cultura, ela teria resistido ao tempo. Pois onde está? A cultura é criada pelo povo. Não a criam os artistas. O capitalismo não cria cultura, fazem-na os povos. A burguesia não produz arte: leva os pobres a cantar para ela. Conhece alguma música escrita por filhos de reis? Se eles nunca saem do seu palácio de cristal, como podem cantar?

Veja estas esculturas (diz-nos ao tomar em suas mãos umas estatuetas e ébano, feitas pelos makondes, do norte de Moçambique). Porque os reis não produzem isto? Porque vivem isolados do mundo. Não têm como o povo os pés na terra.

Nós dizemos: "É preciso que o nosso pensamento caia no povo como a semente floresce na terra". Como saber se a semente é boa ou má? É só quando está na terra que sabemos.

Se começa a germinar é boa. Trará frutos.

O pensamento dos reis, dos capitalistas e dos burgueses é uma semente guardada numa gaveta. Não produz. Falta-lhe a terra, falta-lhe a inspiração.

---

O povo inspira-se todos os dias

---

Com o povo sucede exactamente o contrário. Inspira-se todos os dias. Com o trabalho quotidiano. Veja os camponeses: a sua música fala da sua vida, da lavoura, das colheitas, da rega. Conta como foi colhido o arroz, a cabaca, a massaroca. Como é que vocês chamam a massaroca?

— No Brasil, milho verde, no Rio de Prata, chalo, no México, elote...

— Quando está a trabalhar, a suar sob o sol, re-

gando a terra com o seu suor, o camponês canta. Volta a casa com um cântaro de água na cabeça, pensa que tem que fazer o fogo para cozinhar, vive a vida e canta a vida.

Nas noites, nas horas de descanso, quando a lua cheia o ilumina, canta ao seu trabalho, conta as suas penas, seus sofrimentos, suas esperanças. Canta a felicidade. Canta e dança.

O que acontece com a burguesia? Não conhecem nada disso. Desde crianças são proibidos de entrar em contacto com essas realidades. Se o fazem, não são civilizados...

Os burgueses, estou convencido, não conhecem a felicidade. Pensam sempre que os vão matar. Como vão cantar a morte? Não é motivo de inspiração poética ter que dizer "creio que me vão matar".

#### a corrupção burguesa

Voltemos à música do pobre. Pode ser triste ou alegre, uma referência à história ou um episódio do quotidiano. Mas, seja como for, tem um significado real. E, portanto, define um inimigo, e como se vai lutar contra esse inimigo.

Aí é que actuam os burgueses não lhes falta capacidade para se defenderem. Descubrem um cantor. Começam por dizer: "que boa voz tem". Então, atraem-no para os seus clubes. Como canta para despertar a consciência do povo, os burgueses começaram a capitalizar e corromper os cantores. Levam-nos para grandes hotéis, servem-lhes bebidas caras e começa assim a libertinagem. É assim que os nossos cantores se corrompem, a sua voz já não é a do povo, é a do capitalismo. Isso é o que acontece com os artistas de muitos países. E se não se corrompem são perseguidos, como tantos exemplos que conhecemos.

O capitalismo não tolera o génio criador do povo: a sua posição é a de se apropriar do artista, comercializá-lo e esvaziar o conteúdo da sua obra.

Já que estamos a falar de arte de expressão popular, gostaríamos que comentasse as versões de certa imprensa ocidental que assinalam que hoje já não se dança mais em Moçambique. Que o Maputo, neste sentido, é hoje uma "cidade morta".

— Sim, sabemos dessas versões. Que não se dança em Moçambique... Sim. Que não há mais clubes, que não se fazem bailes. Maputo uma cidade morta? A verdade é que esta era para os colonialistas uma cidade que só vivia de noite. De dia morria. Era uma cidade que tinha medo do sol. Dizem agora que não há alegria na cidade do Maputo. Quando é que antes havia alegria no Maputo?

Acabámos com a criminalidade, acabámos com os assaltos, com as violações de mulheres, com a prostituição, com todos os tipos de podridão.

Terminou-se com as casinhas que estavam no raio de todos os crimes nasceram enfermos devido às terríveis condições das duas mães, as doenças venéreas. Disto não falam.

Acabámos com o desprezo entre as pessoas. Acabámos com isso de eu sou do estrato social e tu do outro estrato social. Não há mais discriminação.

Dizem que agora não há mais clubes. Que participação tinha o povo nestes bailes, nestes clubes portugueses? Nenhuma. Havia aqui uma proliferação de clubes de todas as regiões de Portugal, mas não eram para os moçambicanos. Havia o Clube Minhoto, o clube Algarvo, o Lisboa, o clube das Beiras, o dos Estudantes de Coimbra, que formaram uma casta à parte, o clube de Lourenço Marques. Este era o ponto mais alto da discriminação racial. A fina flor, a nata. Também haviam os autodenominados clubes hindo-portugueses? Que é isso?

Ou se é hindu, ou se é português, ou se é moçambicano.

Estou a desviar um pou-

co a conversa, mas a pergunta está no contexto dos hindo-portugueses. Com a saída dos colonialistas não haveria uma tendência entre os hindus e os goeses de se aventurarem numa espécie de burguesia mercantil? A ocupar um lugar vazio?

— Não. Não acredito. Eles também eram discriminados. Os portugueses sabiam que os goeses eram os seus rivais no campo da educação. Os goeses tinham realmente uma cultura impregnada de catolicismo. Num certo sentido eles entram naquela categoria que mencionei à pouco, a dos que se sentiram órfãos com a saída dos colonialistas. Consideram-se ligados aos portugueses e por isso fogem, ainda que seja para passar enormes dificuldades em Portugal. Preferem partir. Voltando ao tema anterior. Então o Maputo não seria uma cidade morta mas uma cidade com outro tipo de vida...

— Sim. Morreu a vida do colonialismo.

Ressaltar as dificuldades e omitir os avanços é uma velha técnica "informativa"...

— Não escondemos as nossas dificuldades. Temos muitas. Consideramo-las naturais e até mesmo necessárias. Temos consciência disso. Dificuldades no abastecimento, no transporte. Muitas dificuldades. Dizer que não existem seria falso. Mas vamos à raiz do problema: temos dificuldades porque estamos a desmantelar uma estrutura

herdada do colonialismo. Porque para construir é necessário destruir primeiro. Não se pode construir nada sobre bases podres.

#### A MEDICINA NACIONALIZADA

Estivemos no Hospital Central do Maputo onde o camarada presidente trabalhava antes de se lançar na

luta armada. Conversámos longamente com o Dr. Fernando Vaz, director do hospital, que nos impressionou muito pela sua con-

vicção revolucionária e qualidade profissional. Ele mencionou algo de muito significativo: que a nacionalização da medicina foi, e é, um desafio sério, que sabiam que ao decretá-la a maioria dos médicos deixaria o país, mas que também estavam conscientes que aqueles que optaram por ficar eram verdadeiros quadros da revolução, militantes dispostos a enfrentar as duras provas...

— É assim, mas o problema é ainda mais profundo. Se tivéssemos dito que fomos nacionalizar a medicina em dois, três ou cinco anos teríamos tido capacidade de formar dois mil médicos neste período, na nossa universidade?

Na universidade do Maputo, quando tomámos o poder com o governo de transição, no dia 20 de Março de 1974, havia 4500 estudantes. Agora temos 500 estudantes. Todos os demais partiram. Então, de onde iam sair esses médicos?

Quando decretámos a nacionalização da medicina disseram que éramos meros esquerdistas, que não tínhamos responsabilidade. Seguramente porque não aceitámos o conceito que eles têm de responsabilidade. Se aceitássemos as suas ideias, automaticamente seríamos "responsáveis". "Não sabem que governar é difícil" — diziam. "Que é necessário ter médicos, advogados, engenheiros. Eles não estão preparados". É o que repetem desde que iniciámos a nossa luta. Se em quinhentos anos de colonialismo produziram não cem, mas dez engenheiros moçambicanos, que mais poderíamos esperar?

Teria sido um erro gravíssimo que a história não nos perdoaria. O que significa que estávamos condenados a governar com os quadros que dispunha o colonialismo? Formados por e para o colonialismo... Temos respeito por eles, assumiram o conteúdo do que é o colonialismo e o capitalismo e os defendem. Mas os nossos interesses são outros. Nós perguntamos:

eram quadros para servir a quem? Porque estavam aqui? Nada tinham de comum com o nosso povo.

Nós dissemos NÃO. Vamos começar do zero. É uma questão de planificação. Se é necessário que exista uma crise, é melhor provocá-la e quanto antes, quando ainda temos a capacidade de controlá-la.

Por outro lado, se tivéssemos querido evitar a crise, eles teriam-na provocado quando considerassem mais oportuno. Ter-lhes-íamos deixado a iniciativa de provocar a crise. Eles estariam com a direcção do carro, e nós atrás, só com a carroceria. Nunca chegaríamos a conduzir o automóvel.

Mas eles não estavam em condições de conduzir o carro. É verdade que aprender leva tempo. Mas, para eles quando chegaria esse tempo? Quando nos diriam: "Está bem, agora é tempo que tomem a direcção do carro".

Não era fácil que chegassem a dizê-lo. O poder é muito atraente...

— Nós dissemos: "É agora". Nacionalizámos a medicina e eles fugiram. E fugiram não por causa da nacionalização em si, mas porque fizemo-la com decisão. Porque tomámos a iniciativa. Quanto mais tempo tivéssemos deixado a medicina nas suas mãos, mais oportunidades teriam para formar os seus quadros. Quadros que serviriam os seus interesses...

Segundo o clássico modelo neocolonialista...

— Os negros e os mulatos formados por eles teriam tido tempo de tomar o gosto de trabalhar em consultórios privados, ganhando muito dinheiro. A sua ideia

era partir, mas deixar pessoas formadas à sua imagem. Iam embora os jacarés, ficariam os ovos. Ficariam os pequenos jacarés. Com um "cilindro" esmagámos os ovos. Foram-se os jacarés e também liquidámos as suas crias potenciais.

Quer dizer que se evitou a criação de uma camada de intermediários do colonialismo...

— Aqui não criaram uma burguesia nacional. Mas a tarefa era essa: construir uma pequena burguesia. Aspirantes não faltavam a pensar que eram como eles.

Consideravam-se diferentes da população. Eram uma classe "intermediária". Se tivéssemos dado oportunidade à criação de uma burguesia nacional, desalojá-la depois teria sido um problema muito sério. Quizémos evitá-lo. Por isso avançámos rápido.

Se não tivéssemos nacionalizado a medicina, os meus filhos e os filhos dos funcionários teriam tido todos os especialistas à sua disposição. Possivelmente sem pagar nada. Mas pagarias tu. Pagaria o povo por eles... Por isso acabámos com os ovos de jacaré.

Presidente, e quanto à educação?

— É aí, onde se forma o homem. O segredo está aí. Se tivéssemos deixado a educação nas mãos deles, poderíamos realmente criar uma mentalidade nova? Um homem novo? Não. É na escola, na educação que está o germe, o segredo.

Não é ensinando a falar bem ou escrever bem que conseguiríamos formar um outro homem. Temos que criar uma nova mentalidade. Um homem novo. E, neste caminho, a luta mais difícil é lutar contra os vestígios coloniais. Aqueles que crêem que conhecem a cultura portuguesa, que desprezam a nossa cultura, são um dos nossos maiores problemas.

Acreditam que nós não temos história, que não temos cultura própria.

Eu poderia perguntar-lhes: onde aprenderam a cultura portuguesa? Em que oportunidade? se entre moçambicanos e portugueses não havia contacto. O único contacto que havia era o do trabalho contratado. O contacto era o da palmatória, para cobrar impostos, contacto para a tropa, para massacrar o povo. Contacto para abusar das nossas mulheres. Esses eram os nossos únicos contactos com os colonialistas. Onde aprender, então, a cultura portuguesa?

Dançaram juntos? Acaso tivemos contacto com o povo português. Acaso veio aqui o povo português a estreitar a mão ao povo moçambicano, a contar-nos a sua história, a fazer-nos conhecer os seus problemas?

Se assim fosse, teríamos podido encontrar certas afinidades. Mas nada disso aconteceu. Pelo contrário. Então o que acontece é que essa gente confunde educação com cultura. Confunde ter sido educado pelo colonialismo português para servir os seus interesses com conhecer a cultura portuguesa.

Talvez encontrem alguém que lhes diga que se reuniu alguma vez com um governador português. Pois não é verdade. Possivelmente comeu algum dia na cozinha da casa do governador. Eu não tenho respeito por essa gente, são aspirantes a burguesia.

E são muitos?

— Olhe, eu sou daqui, cresci no Maputo. Conheço-os a todos e posso dizer que felizmente são muito poucos.

Também na educação é necessário destruir para construir em bases sólidas?

— É exactamente igual à Medicina ou à habitação. Vou-te explicar isso com o problema dos livros e textos escolares. Se mantivéssemos os textos do colonialismo, quem ia falar dos trabalhos da revolução? Quemalaria da nossa poesia, da luta armada? Quem, e onde, explicaria o que foram as áreas libertadas? Quem elogiaria o heroísmo infinito do nosso povo, a sua determinação, a sua coragem, os seus sacrifícios?

Então não era só questão de agarrar os textos velhos e pôr Maputo onde dizia Lourenço Marques ou corrigir: o Zambeze não é um rio de Portugal mas de Moçambique. É algo mais profundo do que isso.

O conteúdo do livro não podia ser mais o antigo. Não é questão de que em vez de estar desenhado um branco fosse um negro. Sabe, as crianças negras só aprendiam a desenhar

crianças brancas. Porque era isso que se lhes ensinava nas escolas do colonialismo. Não aprendiam a desenhar o seu pai ou a sua mãe. Assim eram os professores, assim era todo o sistema educacional.

Pior que isso: para uma criança negra era um martírio ir à escola. Também para os mulatos ou os hindus. Não se a fazia sentir orgulhosa de dizer: "meu pai é operário, meu pai é estivador, meu pai é maquinista". Pelo contrário. Porque ali estavam os filhos dos senhores doutores. "Meu pai é primeiro Oficial". "Meu pai é membro da Direcção disto ou daquilo". "E o teu pai"? "Doutor fulano".

E, depois, vinha a tua vez. E nem sequer podias dizer "Meu pai é agricultor". Não. Porque sendo negro, se cultivava a terra era, de preciativamente, "machambeiro". Porque a machamba não era considerada agricultura...

E, ao meio-dia novamente a humilhação. Quando saíamos, os enormes carros vinham buscar as crianças, os "meninos" brancos. Nós não tínhamos a categoria do "meninos".

Eram os livros que refletiam essa realidade que fomos conservar? Impossível.

**Confiamos**

**na capacidade infinita do nosso povo**

É por tudo isso que se explica a alta prioridade que o governo da FRELIMO dá à educação e à saúde?

— Naturalmente. Para nós são questões fundamentais. O processo é irreversível. Repito, é irreversível.

É verdade que temos falhas. Falta-nos experiência. Mas será das nossas falhas que aprenderemos. Conheçamos as nossas insuficiências. Mas confiamos na capacidade infinita do nosso povo. Não sei quantos volumes escreveremos, mas o faremos com a história deste nosso povo.

Falam da cultura portuguesa, mas, na verdade, há lá muito que eles não escreviam. A sua história havia parado. Estava detida no fascismo e, naturalmente, não podiam escrever sobre o fascismo. Tinham vergonha. Agora os portugueses têm de escrever novos livros se querem avançar. Não livros que falem de Salazar ou Marcelo Caetano. De conhecidos capitalistas exploradores. Não. Livros de um novo Portugal.

Existem números estatísticos que ilustrem a nova educação?

— Quando você esteve aqui em 1975 acabávamos de realizar a nacionalização da educação. Desde então avançou-se muito. Hoje, há um milhão e trezentas mil crianças nas escolas, cifra jamais sonhada na época do colonialismo. Quinhentos mil alunos tinham as escolas no ano antes da independência. E, a nossa escola é escola para todos: negros, brancos e mulatos.

Também em Moçambique foram nacionalizados os imóveis. Como está a avançar esta medida?

— Com a nacionalização dos imóveis veio outra onda de calúnias. Uma dura campanha. Acusam-nos de ignorantes, de estar a destruir anos de sacrifício, etc...

Desde que proclamámos a independência os coloniais começaram a ir-se embora: os edifícios e as casas ficaram vazios, grande parte nas mãos dos intermediários. Que faziam estes intermediários? Cobravam o dinheiro das rendas e enviavam-no para contas na Suíça. Ou vendiam as casas às embaixadas e estas tinham que lhes pagar no exterior.

Inclusivamente comentavam com desprezo: "Os pretos não entendem nada deste negócio. Não vão descobrir nada".

Criava-se um novo mercado imobiliário intenso. Muitos recebiam o dinheiro



das suas propriedades no estrangeiro, outros transferiam-nas a propriedade fictícia de moçambicanos negros que apareciam como compradores, mas que, na verdade, estavam a pagar a renda no exterior.

Descobrimos rapidamente o que se estava a passar. Os colonialistas pensam que somos crianças. Em dez anos de luta armada aprendemos a conhecer muito bem os nossos exploradores. Essa é uma velha tática que serviu em certos países. Aqui não.

Quando um negro ia arrendar uma casa, esses intermediários diziam: "Infelizmente já está arrendada. Desculpe. Estamos a fazer as últimas obras na casa para que entrem".

Todos os edifícios estavam arrendados. Mas onde estavam esses que haviam arrendado e que nunca mais vinham ocupar as suas casas?

Eu mesmo mandei uma pessoa arrendar uma casa desocupada em frente ao hospital. A resposta foi a mesma. Resultado: todas as casas estavam vazias. Alguns eram francos e diziam: "Trazer negros para viver aqui? Para sujar a casa com os seus fogões de carvão? Isso eu não aceito. Prefiro deixar sem arrendar". Esse era um tipo de racismo muito habitual em Moçambique.

Eu não digo que a população negra estivesse preparada para viver nos edifícios da cidade. Porém, quem nasceu preparado? Que sucedeu em Cuba? Qual foi a experiência na União Soviética? É conhecida a história dos camponeses da União Soviética que chegaram a arrancar as portas das casas que lhe entregou a revolução, para fazerem lenha. Outros não sabiam para que serviam as banheiras.

Aqui não fomos excepção. Houve casos de pessoas que usaram as banheiras para plantar. Enchiam-nas de terra e plantavam amendoim e batata doce. É verdade, tivemos esses problemas. Houve até quem tentasse plantar cana-de-açúcar nos lavatórios...

rios... E a cultura portuguesa? Porque não foi usada para ensinar ao povo moçambicano como viver numa casa?

Nós tínhamos consciência que isso iria suceder. Mas era um processo necessário. É preciso educar a população. Não a deixar abandonada a viver nos chiqueiros que tinham como casas, por medo que sujassem os edifícios do Maputo.

Como evoluiu o homem, do macaco ao homem? Como? Por acaso quando deixou de ser macaco já usava papel higiénico? Já

calçava sapatos? Ou são coisas que vieram depois, que surgiram como necessidades para preservar a vida, melhorar a vida?

É por racismo, por uma visão estreita das coisas que se diz absurdamente: não sabe nada porque é negro. É o racismo da pior espécie: É ignorância. Desconhecem a sua própria história. De onde surgiu a burguesia? Desde que estão na barriga da mãe já têm educação?

Tínhamos subúrbios cheios de água, inundados a maior parte do tempo. Subúrbios onde não se pode cozinhar, não se pode dormir, porque as casas estavam inundadas. Podíamos deixar de entregar a essa gente as casas vazias da cidade do Maputo, por medo que as sujassem?

Gente que estava condenada a viver com parasitas, cheia de doenças. Nestes subúrbios eram comuns episódios como este: quando o marido saía para trabalhar, a mulher seguia-o com uma toalha e um balde d'água nas mãos. Quando chegava ao asfalto ela ajudava-o a limpar os pés, para que pudesse calçar-se para ir para o trabalho.

Quem construiu esta cidade? O fundamental é que a cidade era o ponto mais alto da discriminação racial. Era o centro do racismo. Não nacionalizámos a habitação só por nacionalizar. Quisemos atacar de frente o racismo. Dissemos: "Vamos conquistar a liberdade para nela viver".

Porque as cidades eram redutos do colonialismo. Eram as bases donde atacavam as forças progressistas. Era nas cidades que escondiam espingardas, munições, granadas, para fomen-

tar a contra-revolução. Aqui alojavam "amigos", vindos da África do Sul, da Rodésia. Aqui, nestes mesmos edifícios que não queriam alugar.

Não se nos pode acusar de havermos sido injustos. Não tirámos a ninguém a casa onde vivia. Você tem duas casas? Pois fica com uma. Com a outra não. Quer construir outra casa no campo? Construa-a. Pode conservá-la. O que não é possível em Moçambique é fazer das habitações um negócio. Não teria valor o nosso sacrifício de longos anos de luta se tudo isso continuasse.

Como se organizou a vida nas casas?

— A Organização da Mulher Moçambicana, OMM, trabalhou muito. Fez cursos de manutenção das casas, ensinou o povo a viver nas suas novas habitações. E já se começam a ver os resultados.

Gostáramos de fazer-lhe uma pergunta, um pouco fora do contexto do que temos estado a conversar: Como estão actualmente as relações de Moçambique com Portugal?

— Estão a melhorar cada vez mais. Preparamo-nos para enviar uma missão a Lisboa. Porém, ela não será monopólio de nenhum partido português. Falará com quem desejar, em total independência.

Uma última pergunta. Vimos durante esta visita a Moçambique, como o povo se organiza e luta para seguir avançando, para consolidar as conquistas. Mas nem o senhor nem a FRELIMO ignoram que existe uma conspiração permanente contra o seu país e o seu governo. As agressões da Rodésia são um exemplo, mas não o início. Como vê, deste ponto de vista, o futuro imediato?

— Já o disse, mas volto a

reiterar: o processo revolucionário em Moçambique é irreversível. Podem matar-me, mas não matam o governo. Poderiam matar Chissano, Marcelino dos Santos, Chipenda, Guebuza, quem sabe Jorge Rebelo, mas a FRELIMO continuará. Para que possam regressar e retomar as clínicas, os consultórios privados, os escritórios de advogado, para que as escolas voltem a estar nas suas mãos, para devolver os hospitais às missões, teriam que chamar de novo aqui os colonialistas portugueses. E nem assim... nos derrotariam.

Teriam que trazer de volta o general Kaulza de Arriaga...

- Sim, também o Kaulza... Devolver as terras? Derrotar o governo da FRELIMO? Não, ninguém pode fazê-lo. Nem o imperialismo norte-americano.

(De: "Cadernos do Terceiro Mundo", Lisboa, 1978-02/03)